

O TRATAMENTO DAS COLLOCATIONS EM DICIONÁRIOS BILÍNGUES PORTUGUÊS – INGLÊS PARA APRENDIZES BRASILEIROS

THE TREATMENT OF COLLOCATIONS IN BILINGUAL DICTIONARIES
PORTUGUESE – ENGLISH TO BRAZILIAN APPRENTICES

EL TRATAMIENTO DE COLOCACIONES EN DICCIONARIOS
BILINGÜES INGLÉS-PORTUGUÉS PARA ESTUDIANTES
BRASILEÑOS

Gabrieli DAMADA*

Resumo: Este estudo tem como tema o tratamento das *collocations* em dicionários bilíngues português-inglês para estudantes brasileiros. O objetivo principal é analisar e comparar o como ocorre o registro das colocações na microestrutura dos dicionários analisados. O *corpus* é composto por unidades formadas a partir do campo semântico "frutas" presentes nos dicionários Oxford (2009) e Longman (2008). Para a realização da análise utilizamos como referencial teórico obras que versam sobre lexicografia bilíngue e a estrutura do dicionário, em particular, Carvalho (2001); Fuentes Morán (1997) e Nadin (2009). A partir deste estudo procuramos responder a questões relacionadas ao uso do dicionário como instrumento de ampliação vocabular, apresentando o como as unidades léxicas escolhidas aparecem nos dicionários analisados e se esses auxiliam o usuário na busca pela palavra. Os resultados mostraram que nem sempre a estrutura do dicionário colabora na busca das colocações e que o conhecimento de mundo do usuário é importante.

Palavras-chave: *collocations*; dicionários bilíngues; microestrutura.

Abstract: The theme of this study is the treatment of *collocations* in bilingual Portuguese-English dictionaries to Brazilian students. The main objective is to analyze and compare the way that occurs the record of *collocations* on microstructure of dictionaries analyzed. The corpus is composed of units formed from the semantic field fruits present in Oxford (2009) and Longman (2008) dictionaries. For the analysis we have used published works about bilingual lexicography and the structure of the dictionary, in particular, Carvalho (2001); Fuentes Morán (1997) and Nadin (2009). For this study we have tried to answer questions related to the use of the dictionary as a tool for expanding vocabulary, introducing how the lexical units, that we have chosen, appear in dictionaries analyzed and if these assist the user in the search for the

* Doutoranda do Programa de Linguística e Língua Portuguesa, da Universidade Estadual Paulista, Campus Araraquara. Contato: gabi.damada@hotmail.com.

word. The results showed that not always the dictionary structure collaborates in search of places and that the knowledge of the user's world is important.

Keywords: collocations; bilingual dictionaries; microstructure.

Resumen: El tema de este estudio es el tratamiento de las colocaciones en diccionarios bilingües portugués-inglés para estudiantes brasileños. El objetivo principal es analizar y comparar cómo es el registro de las colocaciones en la microestructura de los diccionarios analizados. El corpus se compone de unidades formadas desde el campo semántico "frutas" presente en los diccionarios Oxford (2009) y Longman (2008). Para la realización del análisis utilizamos como referencias teóricas obras que versan sobre lexicografía bilingüe y la estructura del diccionario, en particular, Carvalho (2001); Fuentes Morán (1997) y Nadin (2009). A partir de este estudio tratamos de responder a preguntas relacionadas con el uso del diccionario como instrumento de ampliación del vocabulario y de presentar cómo las unidades léxicas seleccionadas aparecen en los diccionarios analizados y si ayudan al usuario en la búsqueda de palabra. Los resultados mostraron que no siempre la estructura del diccionario colabora en la búsqueda de esas colocaciones y que el conocimiento de mundo del usuario es importante.

Palabras clave: colocaciones; diccionarios bilingües; microestructura.

1 Introdução

O currículo do ensino fundamental e médio brasileiro privilegia o ensino de uma língua estrangeira moderna, juntamente com a língua materna. A escolha do idioma a ser ensinado deve ser pautada em pelo menos três fatores: históricos; relativos à comunidade local e; relativos à tradição (BRASIL, 1998, p. 22).

No caso da língua inglesa pode-se dizer que o seu ensino é justificado pelo fato de o idioma ter se tornado uma língua franca¹. Além disso, o inglês é amplamente empregado na comunicação internacional, bem como no mundo dos negócios, faz parte dos exames de seleção de diversas Universidades e é utilizado em eventos oficiais.

Salienta-se que, o foco da proposta do ensino de língua inglesa tem sido o desenvolvimento da leitura, pois como citado no PCN (BRASIL, 1998, p. 20) a leitura "atende as necessidades da educação formal e, por outro lado, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato". Todavia, acredita-se que essa ideia de

¹ Idioma que é utilizado por um número extenso de pessoas que não são falantes nativos dessa língua.

contexto imediato já foi superada com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e o crescente número de bolsas de estudos no exterior, pois ambos fizeram surgir novas exigências ao aprendiz, ou seja, não basta saber utilizar o idioma para compreender um texto é preciso um desenvolvimento mais geral e melhor da competência comunicativa².

Desse modo, para que isso ocorra de maneira qualitativa o docente precisa construir sequências didáticas³ que explorem, além de outros aspectos linguísticos, a utilização do léxico e suas respectivas combinações. No entanto, além de o número de aulas ser reduzido nem sempre o grupo de alunos possuem o mesmo nível de conhecimento, pois cada aluno vivenciou experiências distintas com o idioma ou nem teve contato.

Pensando nisso, o presente artigo visa analisar o tratamento das *collocations*⁴ em dois dicionários bilíngues para aprendizes brasileiros. Aqui, a análise ficará restrita às sequências fixas e inalteráveis de palavras, por essas constituírem um verdadeiro desafio na aprendizagem do inglês e por fazerem parte do bom funcionamento da língua. Assim como no português, o inglês é repleto de combinações entre palavras e a não compreensão pode vir a dificultar o entendimento de um texto e o uso mais eficiente do idioma, tanto na comunicação oral quanto na escrita. Consideremos a combinação **chuva forte**, que em inglês é *heavy rain*. Ao deparar-se com esse par de palavras, o aluno poderia relacionar *heavy* com o adjetivo **pesado** e, consequentemente, não compreenderia o real significado em uma primeira observação. Halliday (1960), em seus estudos, observou que o falante nativo prefere *heavy* em vez de *strong*. Fenômeno que ocorre também no português, pois é comum falarmos "redondamente

² Termo mais geral para a capacidade comunicativa de uma pessoa, capacidade que abarca o conhecimento da língua e habilidade para utilizá-la (HYMES, 1964). Disponível em: <<http://pauls.blogs.uv.es/2009/10/31/glosario-competencia-comunicativa-hymes/>> Acesso em: 23 Dez. 2014.

³ Entendemos por sequência didática um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um determinado conteúdo por meio de etapas (PERRENOUD, 2000).

⁴ *Collocations* são um tipo de expressão formulaica. Entendemos por expressão formulaica uma sequência, contínua ou descontínua, de palavras ou outros elementos significativos, que é, ou parece ser, pré-fabricado (WRAY, 2002).

enganado" e não "redondamente maravilhosa", ou seja, algumas palavras se combinam e outras não.

Levando em consideração, o papel do dicionário bilíngue na aprendizagem do inglês, o presente trabalho discorre a respeito das partes constitutivas (micro, macro e medioestrutura) de um dicionário, o papel das combinações lexicais no idioma e se essas aparecem ou não em dicionários bilíngues. Para isso, foram escolhidos os seguintes dicionários:

Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês português-inglês/ inglês - português. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Longman - Dicionário escolar inglês- português / português inglês para estudantes brasileiros. Pearson, 2008.

1 Importância das Collocations no Ensino de Língua Inglesa

A aprendizagem de uma língua estrangeira é algo desafiador. Afinal, a estrutura e o funcionamento da língua diferem do que ele já conhece e, ainda, há palavras ou pares de palavras que assumem significados e projeções metafóricas distintas. Esses fatores dificultam o desenvolvimento da fluência e, muitas vezes, motiva o indivíduo a traduzir palavra por palavra.

Além disso, os livros didáticos utilizados em sala de aula por exemplo, o *Freeway* (2010), apresentam as expressões formulaicas de maneira simplista, por meio de exercícios de relacionar colunas ou preencher lacunas, estimulando apenas a memorização.

Como citado na introdução do *Oxford Collocations Dictionary* (2009, p.5, tradução nossa⁵), "A colocação está presente em toda língua inglesa. Nenhuma amostra falada ou escrita do inglês está totalmente livre de colocação"⁶. O mesmo ocorre com a língua portuguesa, pois há uma série de combinações que faz parte da língua em uso e tem relação com a nossa cultura.

Assim, a sala de aula torna-se um ambiente privilegiado para o ensino dessas expressões. Contudo, antes de qualquer análise, deve-se entender a relevância de se aprender as *collocations*.

⁵ As citações em língua estrangeira que foram objetos de tradução, serão identificadas pela sigla TN - tradução nossa.

⁶ "Collocation runs through the whole of English language. No piece of natural spoken or written English is totally free of collocation".

O primeiro motivo tem relação com o fato de a língua inglesa ser considerada uma língua franca, ou seja, é utilizada na comunicação entre pessoas que não são falantes nativas dela. Uma língua para ser considerada franca precisa seguir dois percursos: tornar-se língua oficial de um país, ou seja, ser utilizada como meio de comunicação pelo governo, pela mídia, pela justiça, dentre outros; e ser prioridade no ensino de língua estrangeira (CRYSTAL, 2010, p. 4). Além disso, o bom uso das combinações idiomáticas torna a comunicação mais natural e compreensiva, possibilita também diferentes maneiras de o falante se expressar e, por serem um conjunto de palavras, auxiliam na recuperação integral ou parcial das expressões.

Outro aspecto a ser destacado é a ampla utilização, como podemos observar nos exemplos abaixo⁷:

*"The iPhone **Goofs Up** on Telling Time, Again" (02.01.2013)*

*"Walkabout – 9/17: Travelers to the Middle East Ponder Plans, and Students **Go Abroad**" (17.09.2012)*

A expressão *goof up*, significa **dar um fora; errar**; nesse caso a tradução dos termos geraria uma pequena confusão, uma vez que o substantivo *goof*, isoladamente, significa **pateta, bobo** e *up*, como advérbio, pode ser traduzido como **para cima**.

Já *Go abroad*, significa **viajar ao exterior**. *Go*, pertence a classe gramatical dos verbos e significa **ir**, e *abroad* é um advérbio que indica **fora do país**. Essas combinações, de duas ou mais palavras, fazem parte da comunicação entre falantes nativos, os quais utilizam-nas o tempo todo. Enfim, diz-se *fast food* e não *quick food*. Embora, *fast* e *quick* tenham o mesmo significado, como aponta o dicionário Oxford (2009), há uma preferência pela combinação *fast food*.

Em suma, assim como em nossa língua materna há "frases prontas" no inglês. E, o aprendiz além de reconhecer a existência dessas combinações, precisa aprender a utilizá-las. O dicionário bilíngue, mesmo trazendo pouca informação a cerca dessa questão, pode vir a ser uma ferramenta significativa para a aprendizagem das expressões formulaicas. Para isso, a reflexão em torno da função e a elaboração de um dicionário deve ser considerada.

⁷ Manchetes extraídas da versão online do New York Times.

2 A macro, a micro e a medioestrutura de um dicionário bilíngue

Entende-se por dicionário bilíngue aquele que coloca dois idiomas em relação de equivalência. Segundo Carvalho (2001, p.49) "a mais básica e evidente diferença entre os dicionários monolíngues e bilíngues está no tipo de microestrutura, pois, enquanto estes trazem equivalências, naquele encontramos definições do lema [...]".

Ressalta-se que, como afirma Hwang (2010) a utilização de um material que contemple dois idiomas em relação de equivalência não é recente. Isso porque no século XVI, período que marca a transição dos glossários para os dicionários bilíngues, esse tipo de instrumento servia para preservar línguas consideradas mortas ou para atender às necessidades de comunicação de determinado grupo, como no caso do Brasil, onde "os primeiros dicionários português-tupi foram produzidos pelos missionários jesuítas em meados do século XVI" (HWANG, 2010, p. 39).

Hoje, a maioria dos aprendizes de uma língua estrangeira recorre ao dicionário. Busca nele a solução para suas dúvidas em relação ao idioma e, ao mesmo tempo, suprir as necessidades decorrentes das situações cotidianas, como a compreensão de um manual de instrução escrito em inglês.

Primeiramente, deve-se saber que em um DB, "[...] não há espaço para as relações paradigmáticas, como a antonímia e a sinonímia, nem para comentários etimológicos" (CARVALHO, 2001, p. 49). E ainda que,

O papel do bilíngue não é o de descrever a semântica do lema, mas sim o de estabelecer relações entre o lema e as equivalências, e o que vai determinar o número de subdivisões do bilíngue [...] é a relação que existe entre o lema e suas equivalências (CARVALHO, 2001, p. 50-51).

Outro aspecto a ser considerado é a existência de um plano hiperestrutural, termo utilizado por Fuentes Morán (1997, p. 48-49), para fazer referência a estrutura global do dicionário, o qual entendido como texto está constituído por uma série de componentes primários.

Dentre os componentes destacam-se a parte comum aos DBs e aos monolíngues, que é composta pela macro, micro e médio estrutura.

E, ainda, há a possibilidade de se encontrar o *front matter*, *middle matter* e o *back matter*.

Em relação ao *front matter*, Fuentes Morán (1997, p.49) afirma ser a parte introdutória do dicionário, a qual contém com frequência instruções de uso e explicações sobre as abreviaturas utilizadas. Já o *middle matter* é localizado em meio à macroestrutura, normalmente são tabelas ilustrativas e visam auxiliar a compreensão de alguma entrada. E, segundo a autora, o *back matter*, é composto pelas informações que aparecem no final e cita como exemplo uma lista de numerais.

Quanto a parte comum ao DB, compreende-se como macroestrutura "o conjunto de entradas de acordo com uma leitura vertical" (REY- DEBOVE apud MIRANDA, 2007, p.261). Ou seja, tem relação com o agrupamento e a ordem das entradas. A microestrutura, conforme Fuentes Morán (1997, p. 45, TN) é entendida, "em termos gerais, aquela estrutura na qual se agrupa e ordena a informação contida no verbete e que, a princípio, responde ao programa de informação previsto para a obra"⁸. E a medioestrutura é o "conjunto de informações cruzadas que se encontram no dicionário e que têm como objetivo, ao menos teoricamente, facilitar a compreensão de algum lema ou remetê-lo a outro(s) com o(s) qual(is) possui algum tipo de relação" (NADIN, 2009, p. 130).

Para a análise proposta, faz-se necessário observar a microestrutura dos dicionários Oxford (2009) e Longman (2008), levando em consideração as seguintes questões:

- A relevância das combinações idiomáticas e o seu papel no desenvolvimento da fluência.
- O frequente uso dessas expressões em textos disponíveis em livros didáticos, sites, dentre outros.

Cabe assim, verificar o como os DBs escolhidos, que visam atender as necessidades de um estudante brasileiro, abarcam a existência das expressões formulaicas.

⁸ "en términos generales, aquella estructura en la que se agrupa y ordena la información contenida en el artículo lexicográfico y que, en principio, responde al programa de información previsto para la obra".

3 O tratamento das *Collocations* em Dicionários Bilíngues

Para a realização deste artigo foram selecionadas combinações lexicais dentro do campo semântico "frutas". Além de ser um vocabulário ensinado aos estudantes iniciais de língua inglesa, guarda em si, a possibilidade de diferentes combinações. Algumas dessas têm relação com plantação (*apple, cherry orchards*), sementes (*peach, plum stones*), sabor (*sour apple*), preparação e preservação (*squeeze a lemon*), pedaço de fruta (*pineapple chunks*), dentre outras (OCD⁹, 2009, p.350). No caso, a análise será feita com as combinações referentes à planta, como exposta abaixo:

I. *Apple Tree*

II. *Cherry Blossom*

III. *Blueberry Bush*

IV. *Strawberry Plant*

Tanto o dicionário Oxford (2009), quanto o Longman (2008) trazem como informação na capa e/ou contracapa a existência de equivalentes para as expressões idiomáticas mais utilizadas em língua inglesa. Além disso, os DBs analisados têm em comum o público-alvo: estudantes brasileiros de língua inglesa. Embora, os dois dicionários apresentem as direções inglês-português/português-inglês, nossas análises contemplarão somente a parte inglês-português. Isso porque, quando o aluno lê um texto, a sua primeira busca baseia-se nas palavras ou pares de palavras desconhecidas do idioma que está sendo aprendido.

4 Resultados e Discussão

Foram quatro combinações escolhidas, todas são de ampla ocorrência e, formadas, na maioria das vezes, por um substantivo. Abaixo seguem as análises e resultados:

⁹ OCD - *Oxford Collocations Dictionary for students of English*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

I. *Apple Tree*

Quadro 1- Entrada *Apple*

Entrada: <i>Apple</i>	
Dicionário <i>Oxford</i> para estudantes brasileiros de inglês. (2009)	apple /'æpl/ s 1 maçã 2 (<i>tb apple tree</i>) macieira Ver <i>tb ADAM'S APPLE</i> , <i>BIG APPLE</i>
<i>Longman</i> dicionário escolar para estudantes brasileiros. (2008)	apple /'æpəl/ s 1 maçã 2 apple pie torta de maçã apple tree macieira.

Fonte: Os autores.

No primeiro exemplo, pode-se observar que o registro das informações que é feito de maneira semelhante. Visto que, nos dois dicionários ocorre a opção pela inserção da transcrição fonética e, em seguida, a identificação da classe de palavra. Ressalta-se que há uma pequena diferença na transcrição, pois a proposta pelo Longman (2008) considera a variação britânica do idioma. Essas características permanecem em todos os verbetes analisados.

Em relação aos equivalentes, notam-se diferenças. No caso da entrada *apple*, ambos mencionam a existência da combinação *apple tree*. No Oxford (2009) isso ocorre por meio da abreviatura *Tb* (também) e como segundo equivalente e, no Longman (2008), como parte do segundo equivalente.

Interessante notar que diante dessa combinação o aluno é motivado a procurar o significado pela primeira palavra, que no caso é *apple*. Dentro desse contexto, a consulta ao dicionário auxiliaria na compreensão da colocação.

Quadro 2 – Entrada *Tree*

Entrada: <i>Tree</i>	
Dicionário <i>Oxford</i> para estudantes brasileiros de inglês. (2009)	tree /tri:/ s árvore
<i>Longman</i> dicionário escolar para estudantes brasileiros. (2008)	tree /tri:/ s árvore ► ¹ tree também se usa no nome de muitos tipos de árvores (por exemplo, apple tree que é uma macieira, ou pine tree que é um pinheiro). Nesses casos tree não é traduzido. Você encontrará esta informação no verbete do primeiro elemento (isto é, em apple , pine , etc.)

Fonte: Os autores.

Já na entrada *tree*, o primeiro dicionário (OXFORD, 2009) coloca apenas um possível equivalente e não cita a existência de combinações. Enquanto o segundo (LONGMAN, 2008) além de colocar o equivalente, oportuniza o acesso a uma nota explicativa que abarca as possibilidades de se indicar diferentes tipos de árvores e, ainda, orienta sobre o como deve ser realizada a tradução.

Outro aspecto importante encontrado no Longman (2008) é o fato de fazer referência a outros verbetes que também são colocações com o substantivo *tree* (*apple*, *pine*, etc.), ação que evidencia utilizar com eficácia a estrutura apresentada tanto na produção oral, quanto na escrita e na compreensão de textos.

II. *Cherry Blossom*

Quadro 3 – Entrada *Cherry*

Entrada: <i>Cherry</i>	
Dicionário <i>Oxford</i> para estudantes brasileiros de inglês. (2009)	cherry /'tʃəri/ s (<i>pl cherries</i>) 1 cereja 2 (<i>tb cherry tree</i>) (<i>árvore</i>) cerejeira 3 (<i>tb cherry red</i>) (<i>cor</i>) vermelho – cereja
<i>Longman</i> dicionário escolar para estudantes brasileiros. (2008)	cherry /'tʃəri/ substantivo & adjetivo ● s (<i>pl - rries</i>) 1 cereja 2 (também cherry tree) cerejeira 3 (<i>cor</i>) cereja ● adj (<i>cor</i>) cereja

Fonte: Os autores.

Quanto à combinação *cherry blossom*, não há uma referência nítida dentro dos equivalentes expostos. Uma vez que, na entrada *cherry* o consulente só é capaz de compreender a utilização com o substantivo *tree*. Não obstante, a ocorrência do par *cherry + blossom* é maior, como se observa numa pesquisa realizada no *google*, onde 19.300.000 são ocorrências de *cherry blossom* e 10.500.000 são de *cherry tree*. Embora as duas colocações tenham relação com cerejeira, a utilização da palavra *blossom* indica que a árvore está florida, ou seja, são dois contextos distintos.

Quadro 4 – Entrada Blossom

Entrada: <i>Blossom</i>	
Dicionário Oxford para estudantes brasileiros de inglês. (2009)	blossom /'blɒsəm/ substantivo, verbo ► s [ger não contável] flor (de árvore frutífera) ► vi florescer
Longman dicionário escolar para estudantes brasileiros. (2008)	blossom /'blɒsəm/ substantivo & verbo • s flor (es) [de uma árvore ou arbusto] • v [intr] florir

Fonte: Os autores.

Enquanto na entrada *blossom*, os DBs preocupam-se em ressaltar o uso da palavra. Dessa forma, além do equivalente **flor** o consulente depara-se com a informação: de árvore frutífera (OXFORD, 2009); de uma árvore ou arbusto (LONGMAN, 2008). Explicação que poderá auxiliar um aprendiz a inferir sobre a combinação *cherry blossom*.

III. *Blueberry Bush*

Quadro 5 –Entrada Blueberry

Entrada: <i>Blueberry</i>	
Dicionário Oxford para estudantes brasileiros de inglês. (2009)	blueberry /'bluːberri; GB -bəri/ s (pl blueberries) mirtilo
Longman dicionário escolar para estudantes brasileiros. (2008)	Não há registro.

Fonte: Os autores.

Ao pesquisar *blueberry* no dicionário, o aprendiz depare-se com dois problemas. O primeiro representado pelo equivalente **mirtilo**, palavra pouco utilizada por adolescentes, que significa de acordo com o dicionário Caldas Aulete¹⁰: planta ericácea que dá frutos azul-escuros; o segundo pela ausência de registro no dicionário Longman (2008)¹¹. Desse modo, a compreensão está atrelada ao conhecimento de mundo do aprendiz e, a ausência da entrada pode ser justificada pela ampla utilização do termo *blueberry* em propagandas e filmes norte-americanos veiculados no Brasil.

Quadro 6 – Entrada *Bush*

Entrada: <i>Bush</i>	
Dicionário Oxford para estudantes brasileiros de inglês. (2009)	bush /bʊʃ/ s 1 arbusto: <i>a rose bush</i> uma roseira 2 (<i>tb the bush</i>) mato LOC Ver BEAT bushy adj 1 (<i>barba</i>) cerrado 2 (<i>rabo</i>) peludo 3 (<i>planta</i>) frondoso
Longman dicionário escolar para estudantes brasileiros. (2008)	bush /bʊʃ/ s (pl bushes) 1 arbusto 2 beat around/ about the bush falar/ responder com rodeios

Fonte: Os autores.

Ao analisarmos a entrada *bush*, observa-se que alusão a uma planta em forma de arbusto, só aparece no Oxford (2009), com o exemplo *rose bush* utilizado pela obra lexicográfica. Enquanto no Longman (2008) temos apenas o significado arbusto sem exemplos de uso. Porém, ambos contemplam a expressão idiomática *beat around/about the bush*, o primeiro por meio de um índice remissivo, exposto pela abreviação LOC¹², e o segundo como equivalente. Percebe-se assim o caráter mais explicativo do dicionário Longman (2008), que preocupa-se com a inserção da expressão idiomática como parte integrante da entrada. Essa opção pode ser justificada pela ampla

¹⁰ Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/mirtilo/>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

¹¹ Evidencia-se que a plantação de mirtilo no Brasil foi introduzida pela Embrapa em 1983 e por ser uma variedade cultivada na Europa, onde o inverno é rigoroso, as plantas só crescem de maneira satisfatória no Sul do nosso país. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mirtilo/SistemaProducaoMirtilo/>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

¹² Abreviação utilizada para indicar expressões e *phrasal verbs*. (OXFORD, 2009).

ocorrência da combinação em questão, sempre utilizada em situações que a pessoa gasta muito tempo para abordar o assunto ou se sente envergonhada.

IV. *Strawberry Plant*

Quadro 7- Entrada *Strawberry*

Entrada: <i>Strawberry</i>	
Dicionário Oxford para estudantes brasileiros de inglês. (2009)	strawberry /'strɔ:bəri; GB - bəri/ s (pl strawberries) morango: <i>strawberries and cream</i> morango com chantilly
Longman dicionário escolar para estudantes brasileiros. (2008)	strawberry /'strɒbəri/ s (pl - rries) 1 morango 2 strawberry ice cream sorvete de morango strawberry jam geleia de morango

Fonte: Os autores.

Nenhum dos dicionários analisados cita a existência desta colocação, mas inserem como equivalentes outros tipos de combinações (*strawberry jam*, *strawberry ice cream*, etc.). Dificilmente fala-se do morango enquanto planta, tanto no inglês como no português utilizam-se palavras que têm relação com os produtos feitos a partir da fruta. Logo, a ausência dessa combinação tem relação com o uso do idioma, ou seja, visa suprir as necessidades imediatas do aprendiz.

Quadro 8 – Entrada *Plant*

Entrada: <i>Plant</i>	
Dicionário Oxford para estudantes brasileiros de inglês. (2009)	plant /plænt; GB pla:nt/ <i>substantivo, verbo</i> ► s 1 planta: <i>house plant</i> planta para o interior da casa 2 (Mec) maquinaria, aparelhagem 3 fábrica <i>Ver tb</i> POWER PLANT ► vt 1 plantar 2 (jardim, campo) semear 3 (bomba, etc.) esconder 4 (objeto incriminatório, etc.) plantar: <i>He claims that the drugs were planted on him.</i> Ele alega que as drogas foram colocadas na bolsa dele 5 (dúvidas, etc.) semear

Longman dicionário escolar para estudantes brasileiros. (2008)	plant /plænt/ <i>substantivo & verbo</i> ● s 1 planta 2 fábrica, usina 3 maquinaria 4 plant pot vaso [para planta com raízes] ● v [tr] 1 plantar 2 (informal) to plant a kiss on sb's cheek/ forehead etc. tascar um beijo na bochecha, testa, etc. de alguém to plant your feet on the ground fincar os pés no chão 3 colocar [uma bomba] 4 to plant sth on sb esconder algo nas coisas de alguém, sem a pessoa saber [como prova forjada]
--	--

Fonte: Os autores.

Na entrada *plant* do dicionário Oxford (2009) o que chama mais atenção é que nenhum equivalente explicita o uso da palavra como **planta com raízes, frutífera**. A preocupação maior é em estabelecer todos os possíveis usos da palavra, fazendo isso com exemplos em língua inglesa. No Longman (2008), a ideia de planta com raízes ocorre de maneira velada, pois no equivalente *plant pot* há essa observação. Assim, como no Oxford (2009), o objetivo é descrever minuciosamente diferentes contextos de utilização da palavra.

O fato de a palavra *plant* ser transparente, ou seja, parecida com o português pode ser o fator que motivou a não inserção do equivalente supracitado. Já que a maioria dos aprendizes de nível básico tem em seu repertório a ideia do que seja uma planta.

Considerações Finais

No decorrer das análises observamos que a única colocação que aparece de maneira clara na microestrutura dos dicionários bilíngues analisados é o par *apple tree*. Vale ressaltar, que o consultante pode sanar sua dúvida ao procurar a primeira unidade dessa combinação lexical. Fator que justifica a necessidade de apresentar as colocações como equivalentes da primeira unidade que as forma, tornando a pesquisa mais funcional.

Enquanto as outras colocações, *strawberry plant*, *cherry blossom* e *blueberry bush*, não são registradas nos dicionários analisados. Na verdade, há algumas referências que podem auxiliar o aprendiz a inferir a respeito da existência das combinações supracitadas, como no caso da entrada *bush*, no dicionário Oxford (2009), que traz como exemplo *rose bush* (roseira). Se o aluno tiver o conhecimento do como é uma roseira, facilmente deduzirá o significado da colocação *blueberry bush*. Apesar disso, o par *strawberry plant* pode ser considerado transparente, ou seja, a semelhança entre a palavra *plant* e **planta** poderiam justificar a ausência dessa colocação na estrutura dos dicionários analisados. Essa aproximação dos significados (transparência) só ocorre porque o possível usuário do dicionário é falante de português. Logo delimitar o público-alvo do dicionário é de extrema importância, pois auxilia na criação de um *design* que atenda às necessidades do consulente. Já *cherry blossom*, embora configure ampla utilização, pode ser que o aprendiz tenha mais dificuldade de compreender, posto que, os dicionários observados apenas trazem como informação extra a ideia de flor (de árvore frutífera). Aqui, o conhecimento de mundo do consulente também poderá influenciar na compreensão.

Desse modo, o registro das colocações em dicionários bilíngues é importante para o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa. A utilização frequente de combinações lexicais em textos justifica a necessidade de tornar mais comum à inserção dessas na microestrutura dos dicionários bilíngues para aprendizes. Além disso, o foco do ensino de língua estrangeira moderna no sistema educacional brasileiro baseia-se no desenvolvimento das habilidades de leitura. Nesse contexto, o dicionário configura um instrumento importante tanto para o aluno, quanto para o professor. Ambos, ao se depararem com colocações em textos extraídos de diferentes fontes, poderão contar com esse material para sanar dúvidas e, principalmente, no caso do docente, será possível mediar a relação aprendiz, dicionário e textos.

Referências

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. **Lexicografia bilíngues Português/Alemão**: Teoria e Aplicação à Categoria das Preposições. Brasília: Thesaurus, 2001, p 47-58.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FUENTES MORÁN, Maria Tereza. **Gramática en la Lexicografia Bilingue**. Morfologia y sintaxis em diccionarios español-alemán desde el punto de vista del germanohablante. Tübingen: Niemeyer, 1997, p. 44-97.

HALLIDAY, M. **On Grammar**. London: Continuum, 1960.

HWANG, Álvaro David. Lexicografia: dos primórdios à Nova Lexicografia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). **Linguagens em Interação III**: estudos do léxico. Maringá: Clichetec, 2010. p. 33-45.

MIRANDA, Félix Bugueño. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. v. III, p. 261-272.

NADIN, Odair Luiz. Dicionários escolares bilíngues de língua espanhola: reflexões sobre obras direcionadas ao aprendiz brasileiro. **Revista de Letras**, v. 11, n. 11, p. 125-144, 2009.

PERRENOUD, Phelipe. **Novas Competências para Ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

WRAY, Alison. **Formulaic Language and the Lexicon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Dicionários

Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês português-inglês/ inglês - português. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <
<http://www.aulete.com.br/mirtilo/>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

Longman - Dicionário escolar inglês- português / português inglês para estudantes brasileiros. Pearson, 2008.

OCD - Oxford Collocations Dictionary for students of English. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Recebido em: 25/06/2017

Aceito em: 27/07/2017